

MELISSA REIS – A MOÇA DA TAÇA

Jean Souza dos Anjos

*Doutorando do Curso de Sociologia da Universidade Estadual - CE,
jeanhos09@gmail.com*

Resumo

Melissa Reis é o que ela quiser ser. Aqui, ela é de Umbanda e cambona a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas na Cabana do Preto Velho da Mata Escura, em Fortaleza-CE. Melissa está, atualmente, travesti. Trabalha como cabelereira, é ativista de Direitos Humanos e é uma pessoa de coração imenso. A história de Melissa é cheia de altos e baixos, mas, com fé na Rainha Pombagira ela conseguiu superar grandes obstáculos. Suas narrativas nos provocam a refletir sobre o universo travesti e todas as questões inerentes à vida social. Este trabalho conta histórias de vida de Melissa referenciado pelos estudos antropológicos das biografias. Assim, colabora com as reflexões sobre gênero e religião afro-brasileira contribuindo para o debate sobre o tema.

Palavras-chave: Melissa Reis, Biografia, Travesti, Gênero, Religião Afro-brasileira.

Introdução

Conheci Melissa Reis em 2015 na Cabana do Preto Velho da Mata Escura / Ilê Asé Ojú Oyá, terreiro de Umbanda e Candomblé, que tem como seu zelador José Lopes de Maria, o Babalorixá Valdo de Oyá. O terreiro está situado no bairro Bom Jardim, periferia de Fortaleza-CE. A trajetória de vida de Melissa atravessou minha pesquisa sobre a Festa da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas e me impactou de maneira tal que quis destacar sua presença e experiência de vida. Minha intenção em escrever sobre Melissa Reis é que o mundo a conheça e que jamais possa esquecê-la. A moça da taça foi, durante toda a pesquisa, a maior devota da Pombagira e a que lhe demonstrou maior amor e devoção. Ela é a maior animadora da Festa da Rainha¹.

A Festa da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas acontece, geralmente, no segundo sábado do mês de novembro. É um grande acontecimento por ser uma das mais belas e organizadas festa de Umbanda da cidade. A festa é a celebração da existência da Pombagira e um agradecimento aos seus devotos e devotas. Melissa Reis é a cambone² da Pombagira e está, com todo amor e respeito, cuidando da entidade. Enquanto a Pombagira dança, canta, gira, fuma, gargalha e/ou fala com o seu povo, Melissa segura sua taça de bebida e suas cigarrilhas. Melissa é a guardiã da Pombagira. Entre elas há mistérios profundos que consigo reparar em gestos e olhares sutis.

1 Este trabalho é parte da minha dissertação de mestrado em Antropologia no PPGA Associado da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), defendida em 2019. A pesquisa teve apoio financeiro da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). Amor, festa, devoção: a rainha Pombagira Sete Encruzilhadas. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/50245> Acesso em: 04 Jun. 2021.

2 Cambone, conforme Cacciatore (1988), é o auxiliar assistente de sacerdote ou do médiuns incorporados, na Umbanda, na Cabula e em outros cultos de influência bantu. Entre suas funções estão as de auxiliar os médiuns incorporados, acender charutos, cachimbos, cigarros e entregá-los às entidades incorporadas, servir-lhes bebidas, acender velas, anotar receitas dos Guias, traduzir para os consulentes a linguagem especial do Pretos Velhos, etc.

Figura 1 - Melissa Reis [Foto/JeanDosAnjos/2017]



Butler (2015) oferece uma profunda reflexão sobre a responsabilidade diante do Outro³. Para expor Melissa aqui é preciso, primeiro, respeitar Melissa e sua estória de vida. É uma condição ética primeva.

Dado que somos vulneráveis à interpelação dos outros de maneiras que não podemos controlar totalmente, não mais do que controlamos a esfera da linguagem, isso significa que carecemos de capacidade de agir e de responsabilidade? Para Lévinas, que faz uma separação entre a pretensão de responsabilidade e a possibilidade de ação, a responsabilidade surge como consequência de estarmos sujeitos à interpelação não desejada do outro. (BUTLER, 2015, p. 113)

³ “Outro” escrito em maiúsculo converge com o pensamento de Lévinas (2009). É um lugar de relação ética infinita.

Trazer para este trabalho as memórias de Melissa Reis me interpela a pensar sobre as responsabilidades da pesquisa que infere no Outro a busca pela compreensão da vida humana e suas consequências epistemológicas. Aqui trato sobre a vida e a memória de Outro para a construção de saberes e conhecimentos. O rigor com que me empenho na obtenção de dados sobre Melissa para a construção do conhecimento antropológico é, também, radicalmente ético.

Dialogo com Kofes (2001; 2007) quando se refere a “estórias de vida” considerando estas como fontes de informação que ultrapassam o sujeito que fala e informam sobre o contexto social; evocação do sujeito transmitindo a dimensão subjetiva e interpretativa destes; reflexão que se resulta da relação entre pesquisador e o/a interlocutor/a. Aproveita-se das “estórias de vida” nos pressupostos da autora considerando-se como relatos que se constroem com a motivação do pesquisador implicando sua presença como ouvinte e interlocutor como um material restrito à situação das entrevistas, considerando o que foi narrado pelas pessoas que viveram e narraram essas estórias. Também faço uso de câmera fotográfica para registrar a vida no terceiro, suas festas e rituais. As imagens formam mapas de compreensão permitindo a construção de narrativas visuais que compõem o corpo da pesquisa (Burnet, 1995, p. 300 apud Feldman-Bianco e Leite, 1998, p.12). As imagens que compõem este trabalho foram autorizadas por Melissa.

Permito-me ser afetado no sentido que Favret-Saada (2005, p. 160) indica como metodologia na disciplina da Antropologia. Afetar-se na etnografia “não implica identificar-se com o ponto de vista nativo, nem se aproveitar da experiência de campo para exercitar seu narcisismo”. Entretanto, me permito uma imersão profunda no campo misturando meu corpo com o corpo da própria pesquisa.

Melissa Reis tem suas raízes no interior do Ceará. Foi de Massapé que sua avó, Maria de Jesus Furtado dos Reis, chegou em Fortaleza. Casou-se com Edmundo Antero dos Reis e tiveram quatro filhas, entre elas, Nuzia, mãe de Melissa.

Nuzia Celia Reis Pereira casou-se com Luiz Gonzaga Pereira Filho. Já estava grávida de Melissa. O casamento foi contra a vontade de Dona Maria de Jesus, pois Luiz era negro. O preconceito era muito forte, e o casamento começou com esses enfrentamentos.

Luiz e Nuzia viveram entre altos e baixos. Ele, alcoólatra, acabava criando sérios problemas entre toda a família. Ela, sofria com a

violência doméstica do marido e lutava para cuidar bem das crianças que cresciam em um ambiente, muitas vezes, de hostilidade e incompreensão. Hoje, Luiz superou o alcoolismo e a família vive melhor.

Melissa conta que foi o Mestre Sibamba que segurou todas as barras. Dona Maria de Jesus, que era da Umbanda, tinha a entidade como seu guia, e ele ajudou toda a família. Dona Nuzia cambonava no terreiro de Dona Maria de Jesus. Melissa, com oito anos, entrou no quarto de Exu e se encantou pela religião.

Quando Dona Maria de Jesus faleceu, Melissa herdou sua Santa Bárbara de Portugal e alguma prataria. Os filhos de seu segundo marido, Raimundo Bessa, trataram de derrubar o terreiro, e muita coisa ficou perdida. Uma memória de uma vida dedicada à Umbanda foi destruída.

Melissa Reis nasceu em 1975, teve uma infância entre os bairros Bela Vista e Bom Jardim, estudou em escolas públicas, descobriu sua sexualidade logo cedo e já entendia que não era igual aos outros meninos. Sim, Melissa nasceu menino sendo nomeado Washington Luis Reis Pereira. Sua mãe queria afastá-la da Umbanda porque entendia que a religião era frequentada pela comunidade LGBTQIA+⁴ e achava que Melissa poderia ser influenciada. Mas a estratégia da mãe de Melissa não deu certo, pois sua orientação sexual não dependia de fatores externos, mas viria dos seus desejos.

Embora haja desde o nascimento uma suposta ordem e afirmação do que seja menino e menina, nem sempre os sujeitos baixam suas cabeças aos regulamentos sociais. Louro (2015, p. 16) diz que

Apesar de tudo isso, a sequência é desobedecida e subvertida. Como não está garantida e resolvida de uma vez por todas, como não pode ser decidida e determinada num só golpe, a ordem precisará ser reiterada constantemente, com sutileza e com energia, de modo explícito ou dissimulado. Mesmo que existam regras, que se tracem planos e sejam criadas estratégias e técnicas, haverá aqueles e aquelas que rompem as regras e transgridem os arranjos. A imprevisibilidade é inerente ao percurso. Tal como numa viagem, pode ser instigante sair da rota fixada

4 L = Lésbicas; G = Gays; B = Bissexuais; T = Transexuais, travestis e transgêneros; Q = Queers; I = Intersexuais; A = Assexuais; + = engloba todas as outras letrinhas de LBTT2QQIAAP, como o “P” de pansexualidade.

e experimentar as surpresas do incerto e do inesperado. Arriscar-se por caminhos não traçados. Viver perigosamente. Ainda que sejam tomadas todas as precauções, não há como impedir que alguns se atrevam a subverter as normas. Esses se tornarão, então, os alvos preferenciais das pedagogias corretivas e das ações de recuperação ou de punições. Para eles e para elas a sociedade reservará penalidades, sanções, reformas e exclusões.

Enquanto conversava com Melissa em um agradável final de tarde na Cabana do Preto Velho da Mata Escura, eu pensava sobre o livro *Um corpo estranho*, da professora Guacira Lopes Louro (2015), e do quanto o texto se alinhava com a trajetória de Melissa e toda a subversão que promoveu com o seu corpo no mundo que tentou negar-lhe tantas coisas. Também lembrei da trajetória de enfrentamentos da cearense Luma Andrade (2012), primeira travesti a apresentar uma tese de doutorado no Brasil⁵. Apesar de ter tido o reconhecimento acadêmico, Luma conta que ainda recebia olhares preconceituosos sobre si.

Melissa conheceu o trabalho como cabeleireira em salões de beleza na cidade, mas também conheceu o trabalho na José Bastos, avenida de Fortaleza conhecida por pontos de prostituição. Na José Bastos ganhou o nome de Melissa depois que ganhou uma sandália de marca *melissa* de uma colega. Antes já tinha tentado os nomes de Mirella, Barbara e Dayse. Da José Bastos foi para a cidade de São Paulo de carona de caminhão com Carol, uma amiga. O ano era 1998, e a viagem não foi fácil para as duas. Chegando em São Paulo Melissa adoeceu e deu despesas para a cafetina que a acolheu. Preocupada em como pagaria a despesa que tinha sido grande, Melissa recebeu com surpresa a notícia da cafetina que rasgou a conta dizendo que ela poderia começar do zero.

Mas as surpresas nem sempre seriam boas para Melissa. São Paulo foi se mostrando uma cidade violenta. Um dia, trabalhando na Rua dos Coqueiros, Carol foi assassinada. A violência e a morte caminhavam por perto das moças. A vida era sempre por um fio. A cafetina ligou para a família de Carol, mas a mãe disse que não tinha interesse pelo corpo do “filho”, que ele poderia ser enterrado em São Paulo

5 Cearense é primeira travesti a apresentar uma tese de doutorado no Brasil. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2012/05/08/cearense-e-a-primeira-travesti-a-apresentar-uma-tese-de-doutorado-no-brasil.htm> Acesso em: 05 Jun. 2021.

mesmo. Mas, quando soube que havia um valor que ela poderia receber, logo disponibilizou-se a resolver as questões burocráticas.

A cafetina não enviou o dinheiro de Carol para a mãe. Investiu o valor em um jazigo no Cemitério da Consolação que serviria para sepultar Carol e outras travestis em situação de vulnerabilidade. As condições de vida da população LGBTQIA+ são precarizadas, e o Estado pouco se mobiliza para atender as demandas para que vidas sejam preservadas e existam com dignidade.

No Brasil, os crimes de ódio contra LGBTQIA+'s não são contados por um sistema oficial e estatal de denúncia. Em artigo na revista *Le Monde Diplomatique Brasil*, o Prof. Dr. Renan Quinalha (2019) denuncia que os direitos LGBTQIA+'s sob o governo Bolsonaro estão na linha de tiro. O atual Presidente da República representa valores associados à defesa da família tradicional, à heterossexualidade compulsória e a uma visão de mundo religiosa. E mais: as bandeiras do presidente refletem o êxito de um pânico moral alimentado há tempos e coloca a comunidade LGBTQIA+ como alvo das políticas e práticas de morte.

“Ter filho gay é falta de porrada”, disse Bolsonaro⁶, revelando sua bandeira perversa contra toda a população LGBTQIA+. É nesse cenário que Quinalha (2019) pergunta se devemos levar a sério o conjunto de agressões e provocações homofóbicas proferidas pelo presidente.

Ou podemos acreditar no mantra “as instituições estão funcionando perfeitamente no país”, agarrando-nos à esperança de que as convicções pessoais e os impulsos homofóbicos do presidente serão enfraquecidos e neutralizados por um sistema de justiça vigilante e comprometido com os direitos humanos? (QUINALHA, 2019, p. 5)

A resposta ao professor Quinalha veio no mesmo mês em que saiu a publicação dele na revista quando o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu enquadrar homofobia e transfobia como crimes de racismo.

O Plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) entendeu que houve omissão inconstitucional do Congresso Nacional por não editar lei que criminalize atos de homofobia e de transfobia. O julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO) 26,

⁶ “Ter filho gay é falta de porrada”, diz Bolsonaro. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/ter-filho-gay-e-falta-de-porrada-diz-bolsonaro/> Acesso em: 04 Jun. 2021.

de relatoria do ministro Celso de Mello, e do Mandado de Injunção (MI) 4733, relatado pelo ministro Edson Fachin, foi concluído na tarde desta quinta-feira (13). Por maioria, a Corte reconheceu a mora do Congresso Nacional para incriminar atos atentatórios a direitos fundamentais dos integrantes da comunidade LGBT. Os ministros Celso de Mello, Edson Fachin, Alexandre de Moraes, Luís Roberto Barroso, Rosa Weber, Luiz Fux, Cármen Lúcia e Gilmar Mendes votaram pelo enquadramento da homofobia e da transfobia como tipo penal definido na Lei do Racismo (Lei 7.716/1989) até que o Congresso Nacional edite lei sobre a matéria. Nesse ponto, ficaram vencidos os ministros Ricardo Lewandowski e Dias Toffoli, por entenderem que a conduta só pode ser punida mediante lei aprovada pelo Legislativo. O ministro Marco Aurélio não reconhecia a mora. (STF enquadra homofobia e transfobia como crimes de racismo ao reconhecer omissão legislativa. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=414010>. Acesso em: 04 Jun. 2021

Por mais que a decisão do STF nos dê alegria e nos dê esperança sabemos que as transformações estruturais na cultura de ódio à população LGBTQIA+ não mudam conforme a lei, mas depende de toda uma organização educacional desde a formação básica na escola até a universidade. O Governo Federal não reconhece essa demanda e, ao contrário, destrói qualquer organização pedagógica que dê alicerce à educação sexual e de gênero na escola. Nada será fácil diante de tantos absurdos do atual governo.

Melissa Reis desafia o tempo e as práticas de ódio. A estimativa de vida de pessoas transexuais e travestis no Brasil é de 35 anos⁷. Dandara dos Santos, moradora do bairro Conjunto Ceará, em Fortaleza, foi assassinada com requintes de crueldade no bairro Bom Jardim, em 2017⁸. O caso de Dandara teve repercussão mundial, mas nem isso

7 Expectativa de vida de transexuais e travestis no Brasil é de 35 anos. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-travestis-no-brasil-e-de-35-anos/> Acesso em: 05 Jun. 2021.

8 'Meu filho vivia sendo humilhado': caso Dandara expõe tragédia de viver e morrer travesti no Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39227148> Acesso em 05 Jun. 2021.

diminuiu a incidência de crimes de ódio no Brasil. Com uma trajetória de vida onde a prostituição e a drogadição estiveram presentes, Dandara não conseguiu sobreviver do afeto e do amor conquistado por todos e todas que a conheciam. Torturada e morta, virou estatística em um dos países onde mais se matam LGBTQIA+'s no mundo⁹.

De São Paulo Melissa foi para Rio de Janeiro onde se especializou em *mega hair*, prática de alongamento de cabelo. No Rio, trabalhou em pontos de prostituição na Lapa e lá era protegida pelo Seu Zé Pilintra, seu mestre na Umbanda. Nota-se que a ligação de Melissa com a espiritualidade nunca se partiu. Ainda no Rio, Melissa começou um namoro que a tirou das ruas. Em 1999 voltou para Fortaleza.

A vivência de pouco mais de um ano de Melissa no sudeste brasileiro trouxe a ela muita experiência de vida. O contato com o mundo da prostituição e de pequenos delitos em São Paulo e no Rio, além dos desafios cotidianos de conviver entre cafetinas e cafetões, disputas de espaços com diversas prostitutas, entre outras coisas, mostraram à Melissa a importância de viver mais perto de seus familiares e amigos.

De volta a Fortaleza Melissa trabalhou em salões de beleza e foi envolvendo-se com o mundo das drogas. Sofria com o preconceito para conseguir empregos, pois os donos de salões não queriam empregar travestis. Em alguns casos era pedido que ela cortasse o cabelo e se vestisse como homem. De 1999 a 2009 foi só diversão e trabalho, conta a moça. Até que em 2009 casou-se, separando-se em 2014 quando o marido não aguentou mais o convívio de Melissa com o mundo das drogas. Do consumo de cocaína passou para o consumo de crack.

Com dívidas perto de R\$ 12.000,00, Melissa passava pela mira de revólver de traficantes da área e foi se vendo no fundo do poço vendendo tudo o que tinha em casa para continuar consumindo drogas e pagando as dívidas. Parecia que não havia mais saída para Melissa até que ela sentiu que poderia ser resgatada do que ela chama de umbral.

Foi na Cabana do Preto Velho da Mata Escura que Melissa Reis ouviu o chamado da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas e resolveu reconstruir sua vida. Melissa já frequentava os terreiros do Bom Jardim

9 Morrer por ser gay: o mapa-múndi da homofobia. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/19/internacional/1553026147_774690.html Acesso em: 05 Jun. 2021.

desde a adolescência e, depois que voltou do Rio, passou a frequentar a Cabana e fazer amizade com o Pai de Santo e a comunidade.

Melissa entrou primeiro no Candomblé sendo filha de Oxóssi. Depois entrou na Umbanda sendo seu guia o Índio da Solidão. Em 2011 fez santo no Candomblé e em 2014 recebeu em sua cabeça a entidade na Umbanda. Mas foi com a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas que Melissa foi se transformando. Ela me conta que sua vida pode ser dividida entre antes e depois da Pombagira. Um dos episódios extraordinários que Melissa me conta é quando uma cliente da Pombagira que não a conhecia recebeu um recado da Rainha e foi deixar para ela. A cliente estava sendo atendida pela Pombagira na cabeça de Pai Valdo quando a Moça¹⁰ mandou um aviso para Melissa: “Eu estou sabendo de tudo que está acontecendo. Vou dar um jeito de resolver tudo”. A cliente entregou o aviso e deu o abraço que a Moça mandou. Melissa recebeu o abraço de sua cura. Melissa Reis se entregou à Rainha Pombagira que virou a mulher de sua vida, a mulher que a salvou. Hoje, Melissa está limpa¹¹.

Melissa começou a cambonar a Rainha Pombagira em 2014. Seu Exu é o Labareda e sua Pombagira é a própria Rainha. Ela me falou que já recebeu em sua cabeça Dona Sete Encruzilhadas em outros terreiros porque na Cabana só o Pai de Santo recebia. As pessoas que cambonaram a Pombagira antes de Melissa não estão mais na religião. Uma delas está na igreja evangélica, mas não fala mal da entidade que tanto cuidou.

Durante as giras preparatórias para a festa de 2018, Melissa se ausentou por alguns dias. Por conta de atritos com a decoradora da festa, Melissa quase desistiu de tudo. E mais, foi humilhada por um filho de santo da casa no grupo de *WhatsApp*. Foi tratada com desprezo e foi magoada profundamente. Melissa foi atacada por ser quem ela é, por ser travesti e pela sua trajetória de vida. Seu nome foi jogado na lama. A Pombagira tratou de resolver as questões com as pessoas envolvidas. Mas na festa eu mesmo senti que Melissa não estava bem apesar de ela não confirmar as minhas suspeitas. Como explica Dias (2020), há uma relação complexa na presença e aceitação de travestis

10 “Moça” é um termo que se usa para se referir à Pombagira.

11 Estar “limpa”, nesse contexto, significa não estar fazendo o uso de drogas ilícitas.

em terreiros. Concordo com o pesquisador e reforço o desejo de mais respeito às identidades trans nos Candomblés e Umbandas.

Figura 2 - Melissa Reis e a Rainha Pombagira



[Foto/JeanDosAnjos/2020]

No dia 21 de março de 2019, quinta-feira, fui a uma gira de Exu na Cabana. Para mim era um dia de campo para a pesquisa, um dia comum. Antes da gira começar estava conversando com Melissa e outras duas pessoas sentadas no batente em frente ao quarto da Pombagira. Foi quando o Pai de Santo passou e avisou, jocosamente, que Melissa iria receber a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas naquela noite. Todos riram, eu inclusive. Uma das pessoas imaginou Melissa, vestida com a roupa da Pombagira e, tendo o corpo diferente do Pai de Santo, ficaria engraçada.

A gira começou, e o Pai de Santo não incorporou como de praxe. Era uma gira em que outro médium, filho de santo da casa, receberia seus guias para ser consagrado. Fui acompanhando tudo com atenção, pois a sequência que aprendi observando o Pai de Santo e seus guias até a chegada da Rainha não ia ser realizada como costumeiramente.

Por volta das 21hs Pai Valdo foi se retirando do barracão principal. Eu o acompanhei. Melissa estava na gira, e ele a chamou

dizendo, seriamente, que ela iria receber a Rainha Pombagira. Melissa respondeu que não, mas Pai Valdo foi puxando-a pelo braço para o quarto da Pombagira. Aquela situação era muito inusitada para mim. Melissa seguia recusando, e Pai Valdo afirmava, contundente, que a Moça ia incorporar nela. Pai Valdo colocou Melissa dentro da casa da Pombagira e, virando para trás, olhando seriamente nos meus olhos, disse: “Se prepare que a próxima será você!”. Congelei de surpresa, fascinação e medo. Todos os sentimentos misturados.

Em menos de um minuto a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas estava em terra na cabeça de Melissa Reis. E, obviamente, ela não vestiu os vestidos que geralmente usa quando está na cabeça de Pai Valdo. O Pai de Santo ficou cambonando a Rainha junto com Weverton, filho de santo da casa, e ela entrou, maravilhosa, dentro do barracão. Todos e todas que estavam no terreiro receberam a Rainha com muita louvação, mas não escondiam a surpresa. Eu, em quase seis anos de campo, nunca vi a Rainha em outra cabeça.

A pessoa que humilhou Melissa levou o pano da costa para a Rainha. Ela mesmo tratou de colocar e ajustar no corpo da Moça. A pessoa abraçou a Moça e chorou. A Rainha abraçava-o e fazia carinho em seu corpo. Eu fui às lágrimas. A cena, que não estava prevista para a minha pesquisa, impactou-me.

A Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas brilhou na cabeça de Melissa Reis. E mostrou a todos e todas da comunidade da Cabana do Preto Velho da Mata Escura que Melissa é sua filha amada e é protegida por ela. Pai Valdo de Oyá, generosamente, realizou o encontro de sua filha de santo com a sua guia espiritual, mostrando para toda a comunidade que a humildade na Umbanda é um dos valores mais caros.

Melissa Reis, filha da Rainha, tornou-se também rainha. Recebeu da comunidade o respeito e a consideração que sempre mereceu. A vitória, o sucesso e o triunfo chegaram para aquela que foi tão humilhada e desrespeitada. O corpo de Melissa transfigurado no corpo da Rainha Pombagira virou festa. O seu amor e a sua devoção à Rainha transformaram seu corpo em festa. Umbanda, mais uma estrela brilhou.

Em 2020, Melissa participou do filme *As Cores do Divino*¹², dirigido por Victor Costa Lopes. No documentário, ela fala sobre sua

12 *As Cores do Divino*. Trailer disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bKwE-CUDwKVs> Acesso em: 05 Jun. 2021.

relação com o sagrado e suas experiências de vida no Candomblé e na Umbanda. Durante a pandemia por conta da Covid-19, Melissa organizou o projeto *A Fome não Espera* para arrecadar alimentos para a população mais carente de sua comunidade. Seu trabalho incansável na defesa das minorias é um exemplo para todas nós.

Saber das “estórias de vida” de Melissa me levou a compreensão da realidade da vida travesti no mundo. Tanto nas entrevistas como no fato de me deixar afetar pela pesquisa, entendi, por exemplo, que Melissa sofre transfobia dentro e fora do terreiro. Sua presença, como de outras travestis, nem sempre é respeitada por outros/as umbandistas e candomblecistas. Mas, a forte ligação de Melissa com a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas a coloca como lugar de destaque fazendo-a superar obstáculos.

A realidade social no Brasil, um dos países que mais mata travestis e transexuais no mundo pode ser compreendida por meio da estória de vida de Melissa Reis. Melissa superou e supera cotidianamente vários obstáculos por meio de sua fé e devoção à Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas.

Figura 3 - Melissa Reis e a Rainha Pombagira



[Foto/JeanDosAnjos/2018]

Agradecimentos

Agradeço, especialmente, à Melissa Reis, pela confiança durante todos esses anos.

Referências

ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola: assujeitamento ou resistência à ordem normativa.** 2012. 279f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7600> Acesso em: 04 Jun. 2021.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de cultos afro-brasileiros: com a indicação da origem das palavras.** Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 3ª edição revista, 1988.

DIAS, Claudenilson da Silva. **Identidades trans em candomblés: entre aceitações e rejeições.** Salvador-BA. Editora Devires, 2020.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado.** Tradução de Paula Siqueira. Cadernos de campo n. 13: 155-161, 2005.

FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Míriam L. Moreira (orgs.). **Desafios da imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais.** Campinas, SP: Papirus, 1998.

KOFES, Suely. **Uma trajetória, em narrativas.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

_____. **Experiências sociais, interpretações individuais: Histórias de vida, suas possibilidades e limites.** Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 3, p. 117–141, 2007.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

QUINALHA, Renan. Os direitos LGBT sob o governo Bolsonaro. **Le Monde Diplomatique Brasil**. São Paulo. Ano 12. Número 143, p. 4-5. Junho, 2019.